

Comunicação como primeiridade do Design que emerge na América Latina

Adson Pinheiro Queiroz Viana^(*)

Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva^(**)

Kátia Andréa Carvalhaes Pêgo^(***)

Resumen: Este artículo propone una reflexión sobre el diseño como práctica emergente en contextos latinoamericanos, a partir de la semiótica peirceana. Argumenta que el diseño debe operar, también, por medio de la comunicación, como escucha sensible a los territorios, comunidades y materiales, reconociendo en cada elemento una inteligencia y un lenguaje. Por medio de tres movimientos-cartografías —expresar, relacionar y movilizar— el texto desarrolla una metodología que integra primeridad (cualidad sensible), segundidad (resistencia de lo real) y terceridad (mediación y hábito compartido). Presenta ejemplos concretos de proyectos situados en comunidades ceramistas, quilombolas y contextos urbanos, que evidencian cómo el diseño puede cultivar redes, capacidades y futuros preferibles sin imponer soluciones predeterminadas. Concluye convocando una práctica de diseño que honre la vida en su singularidad y complejidad, y que transforme la disciplina en acto de cuidado y responsabilidad con los territorios.

Palabras clave: Semiótica peirceana. Diseño emergente.

[Resúmenes en inglés y portugués en las páginas 67-68]

^(*)Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD/UEMG). adson.queiroz12@gmail.com.
<http://lattes.cnpq.br/9301858679453479>

^(**) Professora doutora do curso de Graduação em Design da Universidade Federal do Ceará lilu@iaud.ufc.br. <http://lattes.cnpq.br/5213698667987689>

^(***) Professora doutora do Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGD/UEMG). katia.peg@uemg.br. <http://lattes.cnpq.br/1400735231277107>

1. Introdução

Este artigo emerge de encontros, práticas e do compromisso de projetar com o lugar, não para ele. Trabalhamos com visões compartilhadas do que se deseja viver e com projetos situados que se aproximam de futuros preferíveis. Em vez de produtos cultivamos processos, capacidades e redes que geram efeitos, aprendizados e afetos. Operamos por correspondências: quando memória, matéria e relações ressoam, o sentido se adensa e a transformação encontra passagem.

É nesse movimento que se inscreve o design social emergente. Emergente porque aflora do contexto e porque urge, pede resposta agora. Responder ao que aflige no presente, mitigar impactos, prevenir danos, reduzir desigualdades, enquanto se faz germinar, com o território, modos de existir mais cuidadosos e justos. É desse acordo situado que se desenha o caminho a que este texto convida.

Na prática do design há uma tendência de encaixar experiências em categorias e métodos padronizados, como compreender tudo como “social”, “participativo” ou “de serviço”, ou de usar ferramentas renomadas como *briefings*, mapas de *stakeholders*, matrizes e indicadores de desempenho. Modos de análise consagrados, como temática, de conteúdo, de discurso, codificações e métricas de validação, tendem a privilegiar o que se deixa segmentar e medir, correndo o risco de desconsiderar camadas relacionais, materiais e simbólicas. Rótulos e fórmulas rápidas reforçam a ideia de que a complexidade do mundo se encaixa facilmente em esquemas. Mas a realidade é diversa, com camadas de tempos, matérias, espécies e significados profundos e coexistentes. O que acontece quando métodos tradicionais são aplicados nesses contextos? O que se perde quando separamos o que é intrinsecamente interrelacionado: sujeito e ambiente, cultura e natureza, o material e o simbólico?

Aqui, apresentamos a primeira parte de uma abordagem (Viana *et al.*, 2024) que busca acolher continuidades, honrar relações e evitar a redução de processos a resultados. Três movimentos-princípios a orientam: comunicação, território e tradução. O princípio comunicação é o gesto que inaugura o Bem-viver (Acosta, 2016) e abre possibilidades. O território devolve a fricção do real e oferece o chão da experiência. A tradução costura diferenças, integra aprendizados e projeta caminhos. Neste artigo daremos ênfase à comunicação. Na cadência desses movimentos, buscamos ler o cotidiano com quem habita o lugar, humano e mais-que-humano. Ao revisar sentidos, à medida em que “ouvimos” o contexto, seguimos com um modo de atenção que combina precisão e delicadeza. Com a ênfase na comunicação, abrimos a lente que sustenta esse cuidado e amplia o alcance do nosso querer-fazer-pensar.

2. Semiótica no contexto do design

A semiótica peirceana é uma filosofia que pode ser apropriada como método e análise capaz de ampliar os sentidos do que é e do que pode vir a ser Design (Santaella, 1995; 2000). Essa perspectiva acompanha o fluxo do mundo cognoscível e trata cada signo como um acontecimento, parte de um movimento contínuo e evolutivo no qual o sentido se faz e refaz no tempo (Peirce, 1931-1958, CP 5.484). Convidamos o leitor a ser um interpretante

ativo, capaz de conectar nossa reflexão aos signos de sua história pessoal e prolongar o que se lê à vida cotidiana.

Vida esta que fala por gestos, cores, texturas, sons e movimentos: palavras, pedras, pessoas, águas, argilas, folhas, microrganismos, existências que tecem uma linguagem fluida e contínua. A semiótica nos ajuda a perceber como o universo é e se faz signo, como cada ente pode ocupar o lugar de outro e iniciar cadeias interpretativas nas quais cada novo entendimento desperta o próximo (Peirce, 1931-1958, CP 5.484). Tudo, dentro e fora de nós, pode ser entendido como signo. Precisamos interpretar as coisas, que em si, são imensas demais para caber no nosso juízo. Os filtros de percepção, interação e entendimento da realidade são signos: estão no lugar da coisa, seja ela o que for, e que na semiótica é o objeto. Só que esta ideia de signo, objeto e interpretante não é fixa nem linear, os três são ativos em um processo contínuo de gerar sentimentos, ações e compreensões, são o próprio movimento: “[...] o pensamento se dá na ação, toda ação contém pensamento” (Salles, 1998, p. 52).

Quando uma comunidade ceramista está junto a um rio, a textura úmida da argila, o cheiro de terra molhada, a marca de dedo no barro, a trinca e o vermelho que afloram ao calor, cada um desses traços é signo: a face visível que aponta para o objeto. Chuvas, vazantes, microrganismos, camadas geológicas e ancestrais despertam nas artesãs um entendimento que reverbera na escolha do barro, no gesto, na decisão da forma. Assim, o artefato nasce de uma conversa em que matéria, território e mãos trocam sinais. Não há forma sem escuta, nem técnica sem participação do mundo. Quando artesãs conversam com o barro, quando bactérias transformam pigmentos, quando rios esculpem paisagens, todos participam de uma rede viva onde cada elemento pode ser ponte, signo, objeto, conhecimento que pode gerar mundos novos.

O design que se amplia com a semiótica escuta, dialoga, lê, antes de propor. Juntos se expressam em três categorias fenomenológicas: primeiridade, secundidade e terceiridade. A primeira é potência, qualidade pura que brota do possível e do sensível: cheiro, tom, ternura do gesto que modela o barro e todas as possibilidades plásticas de sua natureza moldável. A segunda é a insistência do real que resiste, o desafio da queima não trincar, o microrganismo que come ferro e muda a argila de cor. A terceira é a mediação, a insistência no tempo, hábitos, narrativas, significados estáveis, aprendizados geracionais, leis (Peirce, 1931-1958, CP 2.91, 2.93).

O valor de um conceito se verifica nos efeitos que gera, “o significado racional de toda proposição repousa no futuro” (Peirce, 1931-1958, CP 5.402). Mas qual é o valor daquilo que ainda é possibilidade? Que qualidades nos instigam? O que precisa ser transformado? Como as transformações podem reverberar? Desse modo nos tornamos investigadores que aprendem com as consequências imaginadas, as testadas e com o silêncio do possível, numa lógica que considera revisões à luz da experiência.

Supor é uma poética da coragem. A partir de rastros sutis, pistas e vivências ampliamos o que percebemos e abraçamos perspectivas que antes escapavam à nossa atenção. A hipótese emerge do encontro, da polifonia do território com tudo e com todos que nele habitam. Para Peirce “[...] tudo é, em certo sentido, mente; e a matéria é mente em processo de evolução” (Peirce, 1931-1958, CP 6.123). Uma artesã que “conversa com o barro” reconhece, no material inteligência. O território é coautor, fonte de memória, tempo, grafismos e narrativas que atravessam gerações.

Integrar Semiótica e Design é acolher o diálogo entre o antigo e o contemporâneo, como a tradição artesanal dialoga com a inovação. Juntos, em práticas integradoras e regenerativas, como investigação aberta, escuta sensível, projeção de modos de existência mais sensíveis à vida em sua diversidade (Peirce, 1931-1958, CP 1.171; CP 1.135; Santaella, 1995). Para passar do fundamento à prática, propomos uma cartografia que se aprende e registra enquanto age: o mapa vivo.

2.1 Mapa vivo

O mapa vivo se faz quando a atenção caminha com o mundo para ser atravessada por ele. É uma cartografia em devir, um corpo que (se) pensa ao sentir e (se) sente ao agir: percepção e ação se complementam (Deleuze; Guattari, 2011). Nele ver é tocar, medir é deixar-se afetar, o sentido emerge no entrelaçamento. Não há percepção neutra, pois todo conhecer é já uma forma de implicação e de abertura (Merleau-Ponty, 2006). O território é criado simultâneo com o mapa, no ritmo de quem caminha, observa, conversa e dá sentido a cada gesto.

A semiótica oferece a gramática desse movimento. Considerada a experiência como semiose, ação de signos, o mapa vivo opera como signo no tempo, máquina de memória, interpretação e projeção: recolhe traços, devolve hipóteses, instala correspondências e reabre o possível. Além de dar forma a representações fixas, traduz o território como campo relacional em constante devir. O desenho que emerge é uma espiral em que cada retorno muda também o ponto de partida, é o próprio projeto em sua potência poética e operativa (Figura 1). No eixo vertical estão os princípios (Comunicação, Território, Tradução) e no eixo horizontal os fundamentos (Semiótica Peirceana, Design Social Emergente e Ciências Ambientais). O ponto inicial é o contexto da existência, a realidade do território ativada pela semiose em ciclos de retorno reflexivo, ação presente e projeção estratégica que se repetem, embora nunca no mesmo ponto, nem no mesmo lugar, em um movimento ascendente, progressivo. No percurso da espiral, estão as diretrizes que orientam o movimento: expressar, apreender, interpretar; relacionar, integrar, prospectar; mobilizar, contextualizar, regenerar. Cada verbo sinaliza práticas que se adensam, se expandem e acompanham a ampliação da atenção e da complexidade no enfrentamento aos desafios do território. A espiral é aberta e incorpora em sua lógica o inesperado/emergente em retornos reflexivos, ações no presente e projeções estratégicas. O gráfico exercita o entendimento da escuta ampliada, sobre como o design e os sentidos emergem do diálogo, às vezes tenso, entre princípios, existência e fundamentos, em ressonância com o contexto habitado.

Metodologicamente, em lugar de protocolos fechados, oferecemos uma bússola sensível para qualidades possíveis; provamos hipóteses com os pés no chão; diferenças são suturadas em coordenadas múltiplas e vivas. Ao mesmo tempo, funciona como diário de bordo: o que foi construído, o que se deslocou, o que ruiu e o que ainda resiste.

O mapa vivo também opera como eixo integrador ao produzir identidades coletivas, e se autogerar em traduções simbólicas: um meta-mapa que permite alterar o zoom em diferentes escalas sem perder o fio das relações. Assim, teoria, experiência e projeto se configuram como gesto atento.

Queremos seguir em espiral com o corpo inteiro, arriscar sentidos novos ao lado de quem vive o lugar, abraçar estas vivências e sensibilidades como sabedoria, alargar o mundo. O mapa vivo não tem fim, é uma maneira de ser com o território, com co-autorias e passagens para modos de existir onde o design celebra o que emerge: no encontro e na beleza de futuros que precisamos aprender a cultivar.

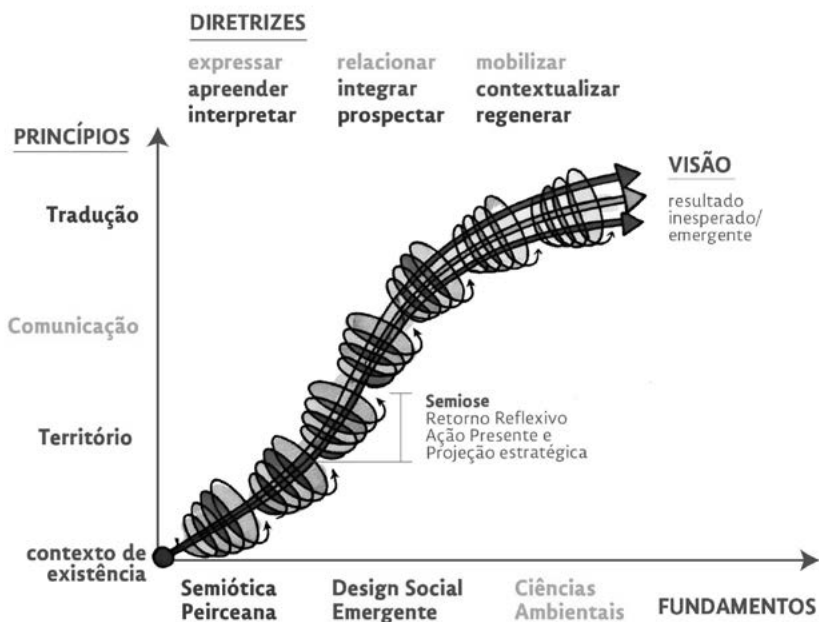


Figura 1. Dinâmica da leitura e interpretação de um signo

Fonte: os autores.

3. Cartografias do design

A cartografia do design inicia pela comunicação, no sentido de comunhão, forma de estar-em-comum que se desdobram em três diretrizes atencionais: expressar, relacionar e mobilizar como fios condutores do design.

Três planos cartográficos dialogam com essas diretrizes e se entrelaçam com o design social emergente: a cartografia epistemológica nos convida a expressar de onde partimos por autores, memórias, afetos e compromissos; a cartografia do território nos ensina a nos relacionar no campo, capturar qualidades sensíveis do que o mundo apresenta e a reconhecer humanos e não humanos como parceiros de investigação; a cartografia simbólica, por sua vez, é responsável pelas mobilizações, traduz experiências em símbolos,

dispositivos e artefatos que circulam, ativam e conectam múltiplos agentes em rede. Cada um desses planos sobrepostos formam um sistema onde querer, fazer e pensar coexistem.



Figura 2. Diretrizes do eixo comunicação

Fonte: os autores.

3.1. Cartografia Epistemológica - Expressar como diretriz

Enquanto praticantes do design social emergente, entendemos a cartografia epistemológica como fundamentos e como forma de situar nossos compromissos éticos diante dos territórios que habitamos e construímos coletivamente. Mapear o que pulsa silenciosamente em nossos repertórios, subjetividades e histórias de formação é um gesto de transparência, que revela memórias e cosmovisões herdadas, adquiridas e reinventadas, nos fios invisíveis que tecem nosso modo de ser no mundo.

Na perspectiva deste design que emerge, a vida antecede os conceitos, orienta e atravessa a totalidade do nosso fazer projetual. Reconhecemos que projetar nunca é um ato isolado ou neutro, mas um movimento corporal, relacional, marcado por lugares habitados, tempos vividos e encontros transformadores. Fazemos design a partir dos compromissos que nos movem e nos unem, abrimos caminhos para que outros mapas sejam desenhados, novas formas de aprender e habitar o mundo.

A expressão, como primeiridade da comunicação, é a qualidade pura, a textura sensível anterior ao contato, o sabor antes da degustação (Peirce, 1931-1958, CP 5.484). Habita o plano projetual ao trazer à tona as potencialidades que antecedem qualquer metodologia: é a cor que nos faz mover, a iniquitação que nos ativa, a beleza que suspende o tempo. Permitir a emergência dessas primeiridades é aceitar que a vida há de ser expressa antes de qualquer tradução intelectual. A Figura 3 representa essa dinâmica sensível e interdependente: a seta amarela é a expressão da primeiridade, enquanto as setas vermelha e azul (secundidade e terceiridade) apontam para o modo como a experiência nunca está isolada, sempre atravessada pela ação e mediação interpretativa. O infográfico sugere a continuidade entre qualidade, ação e pensamento, a espiral é permeável, aberta, marcada pelo trânsito e pela retroalimentação entre sentir, agir e refletir.

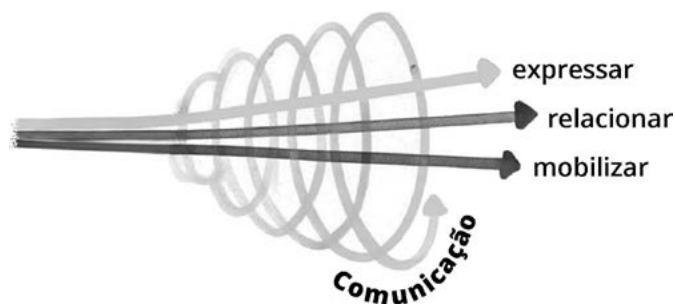


Figura 3. Dinâmica da espiral “comunicação”

Fonte: os autores.

Como autores deste texto, trazemos memórias de lugares habitados, universidades, laboratórios, comunidades e territórios, conversas com mestras e mestres que transformam matéria-prima em formas de resistência e ao olhar atento ao mundo mais-que-humano. Trazemos compromissos políticos e éticos: a recusa de um design colonizador, a escolha pela escuta antes da proposição, a crença de que design não salva, mas corresponde, cuida, testemunha e transforma junto. Quando uma estudante de design que cresceu em um contexto urbano, mergulhada em teoria semiótica, encontra uma comunidade quilombo-la com seus saberes ancestrais e sua relação com o rio, nascem perguntas que nenhuma das duas partes teria formulado sozinha. Expressar a própria epistemologia é, assim, um ato de responsabilidade política e ética. Ao deixar clara a procedência de nosso pensamento, reconhecemos nossas subjetividades, as histórias que nos constituem e os sentidos que nos ativam. Expressar é estar atento às lógicas que emergem da experiência colateral. A cartografia epistemológica é o desenho de um repertório dos territórios por onde passamos, das páginas que lemos e levamos à vida cotidiana numa tessitura em rede de sentidos partilhados. Nossos interlocutores teóricos chegam de múltiplas geografias do pensamento. Sabemos que o conhecimento não reconhece fronteiras rígidas, e que aprender exige abertura. Reconhecemos em teorias consagradas, como a semiótica peirceana, contribuições valiosas no campo epistemológico e projetual que ampliam substancialmente o alcance do nosso sentir, fazer e pensar design. Dialogamos com essas vozes e acreditamos

na reciprocidade: aprendemos com elas, mas também ensinamos, reinterpretemos e desenvolvemos sentidos situados desde o Sul.

Para Peirce, comunicação é a própria semiose em curso, em que pensar-agir coincide como produção comunitária de sentido (Peirce, 1931-1958, CP 2.86; CP 5.505; CP 5.484); nesse horizonte, comunicação também é comunhão: Dewey (1966) a concebe como co-vida e perpetuação de hábitos, enquanto Bateson (1972) destaca sua função ecológica de criar pontes entre mentes e contextos; assim, território deixa de ser mera delimitação estatal e afirma-se como espaço vivido e relacional de poderes, identidades e pertencimentos, onde, na América Latina, processos de territorialização, desterritorialização e reterritorialização se traduzem em lutas de re-existência frente à precarização e ao terricídio (Haesbaert, 2023); a tradução opera como mediação que faz passar e transformar interesses na “zona metamórfica” sem apagar diferenças, sedimentando hábitos e consequências compartilhadas (Latour, 2020; Dewey, 1966); conhecer é “corresponder”, caminhar junto (Ingold, 2015), “ficar com o problema” e reconhecer parentescos multiespécies (Haraway, 2016), percorrendo paisagens arruinadas onde vidas colaborativas insistem e histórias se entrelaçam (Tsing, 2015), sob a urgência das catástrofes planetárias do Antropoceno (Stengers, 2015); nesse quadro, o design social aciona redes distribuídas e participativas para inovação social e cuidado, como investigação normativa situada orientada a transições (Manzini, 2015; Margolin; Margolin, 2002; Kaszynska, 2022; Tonkinwise, 2015); por fim, pensar sistemas autopoieticos e a complexidade, onde o todo excede a soma das partes, convoca cartografias rizomáticas atentas ao micro e ao macro, abertas ao inesperado e ao múltiplo (Maturana; Varela, 1992; Morin, 2003; Deleuze; Guattari, 2011).

Nossa prática situada, ancorada na experiência, orienta uma cartografia epistemológica voltada a um design pluriversal e decolonial que reconhece a coexistência radical de mundos e recentra o território na criação de futuros emancipatórios (Escobar, 2018); desloca o eurocentrismo por meio de “designs do sul” e “designs-outros” que legitimam saberes subalternizados e cosmologias não-ocidentais em práticas policardiniais (Borrero, 2015); afirma a desobediência epistêmica e a descolonização do conhecimento como desprendimento das narrativas hegemônicas (Mignolo; Walsh, 2018); convoca as epistemologias do Sul e as ecologias de saberes contra as monoculturas do conhecimento (Santos, 2018); escuta a terra que pensa e fala para reflorestar a imaginação (Krenak, 2019); aprende com uma antropologia da alteridade viva e com epistemologias não hegemônicas dos povos originários, onde o saber se faz na relação com o mais-que-humano (Kopenawa; Albert, 2015; Castro, 2015); busca uma prática a partir da pedagogia da autonomia, em que o design se realiza pela escuta, pelo diálogo e pela consciência crítica transformadora (Freire, 1996); compreende a criação como rede viva que articula gesto, materialidade e pensamento em devir (Salles, 1998); enraíza a semiótica na fenomenologia peirceana e nas práticas situadas, expandindo o design como investigação sensível por abduções e composições entre signos, matérias, gestos e afetos (Niemeyer, 2003; Santaella, 1995); sustenta redes colaborativas com comunidades quilombolas e territoriais, fazendo do design um processo horizontal de emancipação e autonomia local que reconhece o conhecimento ancestral e o fazer comunitário (Noronha, 2018; 2023); opera uma Metadisciplina que tece querer-fazer-pensar ao integrar design, didática e semiótica (Silva *et al.*, 2021); ativa cartografias como escuta em movimento que aprende inventando (Kastrup, 2007; Kastrup;

Passos, 2019); toma método como caminho e retorno reflexivo (Laville; Dionne, 1999); e, ao conjugar teoria e arte, assume que toda política é estética e que a partilha do sensível redistribui quem fala, vê e age no comum, implicando-nos em problemas que pedem integração e abertura, não respostas prontas, mas rupturas que recolocam a pergunta. Compreender a realidade é compreender-se (Rancière, 2005; Saviani, 1975).

Embora sejam muito mais que estas tantas referências aqui expostas, e que mesmo estas pareçam muitas quando enquadrados fundamentos em uma moldura acadêmica, ainda há quem ofereça chaves que abrem os caminhos invisíveis, escritas poéticas, pessoas como Conceição Evaristo “(...) que se enveredam pelos caminhos da paixão (...) um júbilo à vida, que me permite embaralhar tudo: vivência e criação, vivência e escrita. Escrivência.” (2015, p. 09) Às cartografias dos mapas de dentro de Paulo Leminski e Guimarães Rosa “você nunca vai saber / quanto custa uma saudade / o peso agudo no peito / de carregar uma cidade / pelo lado de dentro” (Leminski; 1987, p.85). “Sertão! é dentro da gente.” (Rosa, 1994, p. 435). São os que nos lembram que “O tempo não é linear, é um maravilhoso emaranhado onde, a qualquer instante, podem ser escolhidos pontos e inventadas soluções, sem começo nem fim” (Bo Bardi, 2007, p.10). Tecelões dos sentidos que costuram norte e sul como Socorro Acioli em *Oração para Desaparecer* (Acioli, 2023). Estas vozes plurais e insurgentes nos direcionam a um design que celebra o encontro, a imaginação, o afeto e a luta pela dignidade das existências outras da América Latina. Falamos daqui, acompanhados por estas vozes e compromissos, abertos à diferença radical e à potência transformadora dos encontros. O design social emergente não reivindica isenção: é presença atenta e encarnada, aberta ao encantamento mútuo e à transformação compartilhada. Nele, toda vida pulsa como epistemologia, toda expressão revela saber, toda prática territorial é conhecimento vivo, toda relação é experiência que reescreve mundos. Aqui, design é comunicação como primeiridade: escuta sensível, gesto que inaugura, encontro que reconhece no outro sua própria força.

3.2. Cartografia do Território — Relacionar como Diretriz

A cartografia do território se constrói como prática ativa de relação com o espaço físico: reconhecer campos de presença, mapear coletivamente o que é habitado, com o mundo vivido. Aqui, relacionar é corresponder, diagnosticar com o corpo, deixar-se tocar pelas realidades situadas, ritmos, técnicas, afetos, resistências, formas de fazer, de existir e de lutar insistentemente presentes nos territórios.

Antes do passo, a escuta. No território, emerge a qualidade pura que inaugura o sentido, vibração primeira que nos põe em relação com a Terra e o mais-que-humano, sempre presente como fundo sensível do que pode vir a ser. Mas é preciso relacionar, deixar que a experiência sensível encontre o real, que a qualidade se choque com a resistência do mundo, que o desejo de conhecer seja interpelado pela insistência das coisas em serem o que são. Relacionar é o momento em que há respostas. Os tempos e suas materialidades nos convidam a refazer nossos mapas, a reaprender nossos gestos e a corresponder de outra forma. Como, então, expressar e relacionar ao mesmo tempo? Como a qualidade pura, a cor, o cheiro, a beleza que suspende o tempo, se torna experiência, relação, conhecimento encarnado? Peirce nos ensina que a secundidade é a categoria do choque, ação e reação, aqui e agora, “isso acontece porque aquilo existe” (Peirce, 1931-1958, CP 2.84; CP 2.86). É o mo-

mento em que o signo encontra o objeto e desperta no intérprete — designer, artesão, pesquisador, comunidade — um entendimento, uma escolha de gesto, uma decisão de forma. Em Moita Redonda, comunidade ceramista do Ceará, o barro estrutura linhagens, práticas, nomes, rostos e memórias — o barro é tudo (Silva et al., 2024). Na primeira visita, não conhecíamos o “Toá branco”, argila pigmentada rara e quase mítica usada em grafismos identitários ancestrais; sua escassez reconfigurou a cadeia produtiva, forçando a troca de pigmentos naturais por tintas sintéticas, descaracterizando peças e fragilizando a memória coletiva. Expressar foi sentir o “Toá vermelho”, a argila úmida nas mãos, o calor do forno e a riscadeira que desenha “cobra”, “embu”, “folha”, “flor”, “cambito” em linhagem de mães, avós e bisavós. Relacionar foi entender o excesso de ferro no vermelho, a presença de microrganismos há bilhões de anos e a despigmentação natural nas margens dos rios, em áreas de até dois metros de profundidade, como relatou um artesão. O “Toá branco”, chamado de encantado, resulta de reações bioquímicas: matéria viva, presença invisível e agente comunicativo que atravessa gerações e guarda a memória do território. Relacionar foi deixar o território nos ensinar: ouvir o que o barro dizia, o que os artesãos sabiam, o que os microrganismos faziam e o que o rio guardava. A argila deixa de ser recurso inerte e se afirma como signo encantado; o Toá branco, além de escasso, é memória viva, identidade cultural, sobrevivência, resistência e possibilidade de futuro, revelando o diálogo entre ciência e encantamento na tessitura do conhecimento do território. E como o leitor, em seu próprio território, estabelece relações? Observe os sinais, escute as histórias, toque, siga os rastros. Pergunte: o que este lugar insiste em ser? O que resiste? O que se transforma? O que você está ouvindo e o que te diz? Quem são os habitantes e que lógicas carregam?

Já em Itamatatuiá, comunidade quilombola do Maranhão, a memória virou museu vivo: maquetes e rodas de conversa fizeram emergir narrativas e gestos em espaços escolhidos pela própria comunidade. Ali, expressar foi sentir o peso da história, séculos de luta, resistência, pertencimento. Mas relacionar foi reconhecer que a memória não é estática: ela se refaz a cada geração, a cada encontro, a cada gesto que reativa o passado no presente. Relacionar foi perceber que o território quilombola não é apenas espaço físico, mas uma rede de parentescos, alianças, saberes ancestrais, práticas de cuidado que se transmitem de corpo a corpo, de voz a voz. Foi entender que mapear, ali, não era documentar de fora, mas participar de dentro, corresponder, testemunhar, devolver à comunidade sua própria potência de narrar, significar e projetar futuros. Então como podemos nos relacionar em territórios de memória? Quem conta as histórias aqui? Que vozes foram silenciadas? Que gestos, rituais, práticas mantêm viva a identidade coletiva? Deixe que o território ensine seus tempos, seus ritmos, suas formas de resistir e existir.

Nos contextos urbanos em que atuamos, a urgência se expressa em ameaças de remoção por obras de infraestrutura, lixões em praças, vizinhanças fragmentadas e natureza ausente; ainda assim, persistem redes de cuidado, associações de moradores, hortas comunitárias, mutirões de reciclagem, que convertem espaço em pertencimento. Em Fortaleza, desde 2012, atuamos com comunidades vulnerabilizadas: na Lauro Vieira Chaves (2012–2014), as ações “Se essa rua fosse nossa” e “Nossa rua” somaram-se à resistência à remoção de cerca de 400 famílias, com a reconstrução de apenas 66 casas nas proximidades (Silva, 2017); na Serrinha (2014–2016), um lixão transformou-se na Praça Ecológica Guaribal, favorecendo mudanças de comportamento comunitário (Silva; Sousa; Frota, 2017); no

Pacheco, em Caucaia (2016), em parceria com a Amapachecho e a Escola Adriano Martins, realizamos jogos colaborativos com crianças, identidades visuais, mapeamentos afetivos e articulações por transporte e coleta, reconhecendo que dispositivos estratégicos de design social fortalecem a identidade local (Silva et al., 2018); e, em Moita Redonda (2017–2024), consolidamos cocriação com dispositivos de direitos trabalhistas, precificação, letramento em design, mapeamento georreferenciado e o catálogo “O Barro é Tudo!”, ampliando a visibilidade territorial e o sentido comunitário (Silva et al., 2024).

Em Belo Horizonte, no bairro Confisco, uma das regiões mais vulneráveis aos efeitos da crise climática na capital de Minas Gerais (WayCarbon, 2016) e com histórico de ocupação e luta pelo direito à moradia, relacionar foi tecer correspondências entre universidade, comunidade local e municipalidade, para promover ações de cidadania, segurança e desenvolvimento socioeconômico sob critérios da sustentabilidade. Projetos como o da formação de artesãs em técnicas artesanais de bambuzeria e na produção de suas próprias Barraquinhas de Bambu (Carvalho; Pêgo, 2025); o da implantação de biodigestores ativados por resíduos sólidos urbanos orgânicos para geração de energia elétrica distribuída (Pêgo; Pereira, 2024); e a gestão colaborativa do Parque do Confisco (Mafra; Almeida; Pêgo, 2023) evidenciam que o design sistêmico e o designantropologia podem mediar a construção de processos participativos e sustentáveis, a partir da compreensão da realidade e dos saberes locais.

Como fazer relações no contexto urbano? Mapeamos afetos: onde as pessoas se encontram? Que espaços geram pertencimento? Que conflitos revelam desejos coletivos? Reconhecemos que o território urbano é campo de tensões, e que relacionar é aprender a navegar essas tensões, a mediar interesses, a ativar potências latentes. Não há território sem relação, não há relação sem tensão, não há mapa sem caminhar, e é a atenção a essas copresenças que permite que o design social emergente seja experiência compartilhada e ética do encontro.

3.3. Cartografia Simbólica — Mobilizar como Diretriz

Se a cartografia epistemológica expressa e a cartografia do território, relaciona, a cartografia simbólica mobiliza (terceiridade). A cartografia simbólica é o movimento de traduzir, mediar, criar pontes entre mundos, tecer o comum a partir da experiência vivida e gerar dispositivos estratégicos capazes de ativar transformações. Ela é o espaço da criação de hábitos, leis, narrativas e artefatos que carregam sentido partilhado e convocam o futuro. Mobilizar, nesse contexto, além de divulgar, é gerar interpretação, provocar ação, ativar redes, criar símbolos que ressoam além do momento inicial.

Os dispositivos estratégicos que produzimos, são catálogos, maquetes, ecoparques, brinquedos, jogos colaborativos, equipamentos urbanos, sinalizações, documentários, banners, grafites, fotografia, renderizações, sistemas, rodas de conversa, plantação de mudas, projetos paisagístico, apresentações, planilhas, infográficos, artigos, identidades visuais, sites, aplicativos, cartilhas, calendários temáticos, biotecnologias, georreferenciamento e tudo que o design pode projetar de modo colaborativo, são pontos no mapa simbólico. Eles marcam momentos de codificação coletiva, de passagem do sensível e do concreto para o campo do entendimento, da tomada de consciência.

Para Peirce, o símbolo é o signo que opera por convenção (Peirce, 1931-1958, CP 2.249; CP 2.293). Ele não se assemelha ao objeto (como o ícone) nem é afetado diretamente por

ele (como o índice): o símbolo representa porque foi consentido consensualmente, tecido coletivamente, e carrega memória partilhada, e potência de futuro. Símbolos mobilizam, representam, ativam, convocam e transformam. No caso do Design Social emergente, um catálogo devolve nomes e rostos à comunidade; um biodigestor se torna símbolo de autonomia energética e cuidado ambiental, quando barraquinhas de bambu fortalecem a autonomia feminina, uma maquete reativa memórias quilombolas e calendários mensais com fotos de mutirões induzem a participação comunitária.

O que em um primeiro momento foi a expressão e no segundo momento foi ouvir as complexidades e camadas do território agora são estratégia de ação coletiva. Os dispositivos estratégicos surgem de processos de interação e tradução. O que ouvimos, captamos e aprendemos nas imersões no território servem como fonte primária de informação que passam por múltiplas interpretações e geram diferentes tipos de significado. As potencialidades locais são ativadas como terceiridade da semiose: quando a experiência sensível encontra a realidade em mediações passíveis de serem compartilhadas por meio do Design. Isso demanda tempo.

Dispositivos estratégicos de design são projetados nos processos de mobilização e funcionam ao ampliar o imaginário das possibilidades de interações; organizar ações; elaborar propostas capazes de ativar a participação comunitária; estabelecer redes de parcerias; projetar sistemas; propiciar trocas de saberes; favorecer o sentido de pertencimento e corresponsabilidade entre todos os envolvidos no projeto; projetar e divulgar imersões co-criativas no território; buscar recursos; registrar, arquivar, analisar e expandir os processos de projeto participativo; apresentá-los e publicá-los; contar histórias; criar outras, novas, que se transformam em novos saberes; reconhecer nas transformações a força e a potência coletiva. Artefatos codificados com intenção e estratégia são capazes de mobilizar autoconhecimento e abrir caminho para autonomia e emancipação. Precisamos reconhecer que somos mediadores ativos, capazes de traduzir signos partilháveis, criar pontes entre mundos distintos, projetar futuros desejáveis, ter como objetivo o bem comum, tecer o comum sem apagar diferenças.

4. Manifesto do design

Assumimos neste texto e na travessia que o gerou, que o Design que fazemos só tem sentido se a gente se implica. Ser em movimento, lugar de risco partilhado, narrativas abertas, aprendizagem contínua de ética e de encantamento. Se a cartografia organiza, o manifesto convoca: é preciso ser com o mundo de modo plural, atento e amoroso.

A expressão da vida antecede o manifesto, é a potência que habita o universo das possibilidades, qualidade pura. Ao se manifestar se converte em relação: resistência, fricção, fluência, fruição. Diferença que interroga os desejos e transforma a travessia. O manifesto, aqui, é o chamado ao diálogo, ação mútua, construção de sentidos entre pluralidades. Relacionar é habitar o território como campo de encontros onde precisamos ouvir com o corpo inteiro, permeáveis aos outros (humano, comunidade, rio, árvore, vento), para reconhecer que toda conquista é partilha e que o saber que nasce da experiência sensível pode nos levar além.

Mobilizar exponencia os sentidos: do sentir, da razão e o sentido que dá direção. Do gesto singular ao acontecimento coletivo, símbolos comuns, redes ampliadas, mapas que são, em si mesmos, chão comum, memória, desejo coletivo e porvir. Vida manifesta para nós é a convocação à experiência compartilhada, mais consciente, mais integrada. Todo território é Terra e nos diz respeito. Ouve, nos diz: respeita!

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), por meio do Programa de Demanda Social (DS) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), na forma de bolsas e fomento concedidos durante o doutorado.

Referências

- Acosta, A. (2016). *O bem viver: Uma oportunidade para imaginar outros mundos*. Autonomia Literária/Elefante.
- Acioli, S. (2023). *Oração para desaparecer*. Companhia das Letras.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. University of Chicago Press.
- Bo Bardi, L. (2007). *Lina Bo Bardi: Do pré-artesanato ao design*. Cosac & Naify.
- Borrero, A. G. (2015). Resurgimientos: Sures como diseños y diseños otros. *Nômadas*, 43, 113–129.
- Carvalho, B. C., & Pêgo, K. A. C. (2025). O potencial do bambu como matéria-prima: Codesign de barraca de feira com vistas ao fortalecimento da vida produtiva e social em comunidades periféricas urbanas. In *Anais do Encontro de Sustentabilidade em Projeto* (13., pp. 299–308). UFSC.
- Castro, E. V. (2015). *Metafísicas canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Cosac Naify.
- Deleuze, G., & Guattari, F. (2011). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1). Editora 34.
- Dewey, J. (1966). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. Macmillan.
- Escobar, A. (2018). *Designs for the pluriverse: Radical interdependence, autonomy, and the making of worlds*. Duke University Press.
- Evaristo, C. (2015). *Escrevivência: A escrita de nós, reflexões sobre as obras de Conceição Evaristo*. Palas; Fundação Biblioteca Nacional.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. Paz e Terra.
- Haesbaert, R. (2023). Conceitos fundamentais da Geografia: Território. *GEOgraphia*, 25(55).
- Haraway, D. (2016). *Staying with the trouble: Making kin in the Chthulucene*. Duke University Press.
- Ingold, T. (2011). *Being alive: Essays on movement, knowledge and description*. Routledge.

- Kastrup, V. (2007). *A invenção de si e do mundo: Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição*. Autêntica.
- Kastrup, V., & Passos, E. (2019). Cartografar é traçar um plano comum. *Fractal: Revista de Psicologia*.
- Kaszynska, P., Kimbell, L., & Bailey, J. (2022). *Practice research in design: Towards a novel definition*. University of the Arts London.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami*. Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Latour, B. (2020). *Onde aterrar? Como se orientar politicamente no Antropoceno*. Bazar do Tempo.
- Laville, C., & Dionne, J. (1999). *A construção do saber: Manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas*. Artmed; Editora UFMG.
- Leminski, P. (1987). *Objeto sujeito*. In *Distraídos venceremos*. Brasiliense.
- Mafra, G. A., Almeida, M. das G. de, & Pêgo, K. A. C. (2023). A relevância da construção coletiva da gestão e uso sustentáveis de um parque urbano periférico, mediada pelo design. *Revista Contemporânea*, 3(10), 19367–19389.
- Manzini, E. (2015). *Design, when everybody designs: An introduction to design for social innovation*. MIT Press.
- Margolin, V., & Margolin, S. (2002). A “social model” of design: Issues of practice and research. *Design Issues*, 18(4), 24–30.
- Maturana, H., & Varela, F. (1992). *The tree of knowledge: The biological roots of human understanding* (Rev. ed.). Shambhala.
- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção* (3rd ed.). Martins Fontes.
- Mignolo, W., & Walsh, C. (2018). *On decoloniality: Concepts, analytics, praxis*. Duke University Press.
- Morin, E. (2003). *Introdução ao pensamento complexo*. Sulina.
- Niemeyer, L. (2003). *Elementos da semiótica aplicados ao design*. 2AB.
- Noronha, R. (2018). The collaborative turn: Challenges and limits on the construction of a common plan and on autonomia in design. *Strategic Design Research Journal*, 11(2).
- Noronha, R. et al. (2023). *Correspondências como prática de design: Construindo caminhos no NIDA* (Vol. 1). EDUFMA.
- Peirce, C. S. (1931–1958). *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Harvard University Press.
- Pêgo, K. A. C., & Pereira, A. F. (2024). Integrando avaliação do ciclo de vida e design sistêmico em estudo para implantação de biodigestor no bairro Confisco, Belo Horizonte – MG. *Impact Projects*, 3(3), 93–106.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: Estética e política*. Editora 34.
- Rosa, J. G. (1994). *Grande sertão: Veredas*. Nova Aguilar.
- Salles, C. A. (1998). *Gesto inacabado: Processo de criação artística*. FAPESP; Annablume.
- Santaella, L. (1995). *A teoria geral dos signos: Semiose e autogeração*. Ática.
- Santaella, L. (2000). *A semiótica: Entre a filosofia e a ciência*. Palas Athena.
- Saviani, D. (1975). A filosofia na formação do educador. *Revista Didato*, 1, s.p.

- Silva, A. L. S., Loureiro Jr., E. A. P., Carneiro, A. C., Calvet, L. B., Mendonça, J. R. S., Furtado, V. S. M., Moreira, A. A. B., Viana, A. P. Q., & Pinheiro, R. A. (2021). *Metadisciplina: Design, didática e semiótica na educação*. Senac CE.
- Silva, A. L. S. V., Viana, A. P. Q., Pereira, A. do N., & Calvet, L. B. (Eds.). (2024). *O barro é tudo! Catálogo da comunidade artesã de Moita Redonda*. INESP (Assembleia Legislativa do Estado do Ceará). ISBN 978-65-6094-106-9
- Silva, A. L. S. V. (2017a). Essa rua virou nossa. In D. Gorczewski (Ed.), *Arte que inventa afetos* (2nd ed., pp. 129–143). Editora UFC.
- Silva, A. L. S. V., Sousa, C. E. M. de, & Frota, N. T. S. (2017). Metáforas de uma tecitura urbana: Estudo de caso no bairro Serrinha, Fortaleza. *V!RUS*, 14.
- Silva, A. L. S. V., Oliveira, E. A. G., Queiroz, A. C. de L., Cavalcante, L. dos S., & Carneiro, A. C. (2018). Aplicação de dispositivos estratégicos em design social no fortalecimento de identidade local. *Projética*, 9(2 Suppl), 143–158.
- Stengers, I. (2015). *No tempo das catástrofes: Resistir à barbárie que se aproxima*. Cosac Naify.
- Tonkinwise, C. (2015). Design for transitions – from and to what? *Design Philosophy Papers*, 13(1), 85–92.
- Tsing, A. L. (2015). *The mushroom at the end of the world: On the possibility of life in capitalist ruins*. Princeton University Press.
- Viana, A. P. Q., Silva, A. L. S., Franco, J. R., Pêgo, K. A. C., & Sousa, O. V. (2024). *Semiótica peirceana, ciências ambientais e design social emergente: Uma perspectiva ontoepistemológica para regeneração de territórios*. In Anais do XV Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design (pp. 1–13). Edua.
- WayCarbon. (2016). *Análise de vulnerabilidade às mudanças climáticas do município de Belo Horizonte: Resumo para os tomadores de decisão*. Prefeitura de Belo Horizonte; Fundação Konrad Adenauer-Stiftung.

Abstract: This article proposes a reflection on design as an emerging practice in Latin American contexts, drawing on Peircean semiotics. It argues that design must also operate through communication, understood as a sensitive listening to territories, communities, and materials, recognizing in each element an intelligence and a language. Through three movements—cartographies—expressing, relating, and mobilizing—the text develops a methodology that integrates firstness (sensory quality), secondness (the resistance of the real), and thirdness (mediation and shared habit). It presents concrete examples of situated projects in ceramicist communities, quilombola groups, and urban contexts, showing how design can cultivate networks, capacities, and preferable futures without imposing predetermined solutions. The article concludes by calling for a design practice that honors life in its singularity and complexity, transforming the discipline into an act of care and responsibility toward territories.

Keywords: Firstness. Peircean semiotics. Emerging design. Communication.

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre o design como prática emergente em contextos latino-americanos, a partir da semiótica peirceana. Argumenta que o design deve operar, também, por meio da comunicação, como escuta sensível aos territórios, comunidades e materiais, reconhecendo em cada elemento uma inteligência e uma linguagem. Por meio de três movimentos-cartografias — expressar, relacionar e mobilizar — o texto desenvolve uma metodologia que integra primeiridade (qualidade sensível), secundidade (resistência do real) e terceiridade (mediação e hábito compartilhado). Apresenta exemplos concretos de projetos situados em comunidades ceramistas, quilombolas e contextos urbanos, que evidenciam como o design pode cultivar redes, capacidades e futuros preferíveis sem impor soluções predeterminadas. Conclui ao convocar uma prática de design que honre a vida em sua singularidade e complexidade, e que transforma a disciplina em ato de cuidado e responsabilidade com os territórios..

Palavras-chave: Primeiridade. Semiótica peirceana. Design emergente. Comunicação

[Las traducciones de los abstracts fueron supervisadas por el autor de cada artículo.]
